

NA AGENDA DE CLINTON

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Robert Rubin, esteve ontem na Casa Branca e discutiu com o presidente Bill Clinton a crise do Brasil. Um dos principais interlocutores das autoridades brasileiras desde que a saúde financeira do país foi abalada, Rubin está acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos no Brasil e também tem mantido contatos freqüentes com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Quando fala de Brasil, Rubin sempre insiste que a solução dos problemas está no ajuste das contas públicas. "Neste momento, os objetivos fiscais parecem estar em bom andamento, mas ainda há mais o que fazer", disse ontem o secretário. "A chave para o Brasil é continuar de forma consistente na trajetória de políticas sólidas", acrescentou.

O sub-secretário do Tesouro, Larry Summers, vai na mesma linha. Segundo ele, o Brasil precisa de uma política macroeconômica forte. "O que é essencial, nas circunstâncias difíceis do Brasil e de outros países, é a busca de políticas fortes, políticas nas áreas macroeconômicas tradicionais, políticas fortes estruturais", disse. De acordo com o sub-secretário do Tesouro, o presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro seu compromisso com as políticas fortes, mas é essencial que essas medidas sejam efetivamente implementadas. Summers prestou depoimento ontem na subcomissão de política econômica internacional do Senado, onde o tema central foi a reforma do FMI.

Uma das maiores preocupações dos norte-americanos é com a possibilidade de uma moratória da dívida interna brasileira, a exemplo do que aconteceu na Rússia. A dívida pública do Brasil é gigantesca — cerca de US\$ 300 bilhões — e tende a crescer em função da alta nas taxas de juros.

Incapaz de honrar seu débito doméstico, a Rússia suspendeu os pagamentos em agosto do ano passado, deixou os investidores estran-

Carlos Eduardo 14-10-97



Clinton com Fernando Henrique: Brasil só vai superar a crise econômica e resgatar a confiança dos investidores internacionais se adotar medidas fortes

geiros, credores da maior parte desta dívida na mão, e terminou por deflagrar a crise que afundou o Brasil e outros mercados emergentes. Os norte-americanos temem que isto se repita.

Porém, o caso brasileiro é diferente e desde setembro passado, quando começaram as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em tono de um pacote de ajuda para o país, as autoridades brasileiras tentam diferenciar o Brasil da Rússia. Ao contrário de outros países emergentes, o Brasil tem um

grande mercado de investidores domésticos, sempre pronto a comprar títulos do governo. Por isso, no caso de um calote da dívida interna, os grandes prejudicados seriam os brasileiros mesmo.

Além disso, o Brasil é a maior economia da América Latina, região que absorve 20% das exportações dos Estados Unidos. Cerca de mil companhias norte-americanas têm negócios no país. Se o Brasil for à bancarrota, essas empresas terão seus lucros reduzidos, a cotação de suas ações cairá em Wall Street e os

ganhos de quem investe na bolsa de valores de Nova York encolherão.

No momento, o Brasil está vivendo uma crise de falta de dólares, por isso a desvalorização do real está em torno de 35%, embora os economistas concordem que o patamar correto é 25%. Quem tem não quer vender, pois está esperando que a cotação da moeda americana suba ainda mais e assim obtenha lucros maiores. Quem precisa comprar, está pagando caro. E o Banco Central não quer queimar preciosas reservas internacionais para normalizar a oferta de dólares.

Quando começou a negociar um empréstimo com o FMI, o governo esperava receber de uma vez um caminhão de dinheiro que funcionasse como um cheque especial, como ocorreu com o México em 1995. Assim, seguindo o exemplo mexicano, a confiança dos investidores estrangeiros poderia ser restabelecida e o fluxo de capital voltaria a correr para o país. O pacote de US\$ 41,5 bilhões é expressivo, mas será liberado em suaves parcelas e está se mostrando insuficiente para acalmar o mercado.